

Prólogo

- 1 SONTAG, Susan. *Regarding the Pain of Others*. New York, Picador, 2004, p. 13.
- 2 O leitor notará que me refiro às pessoas exibidas fazendo uso de denominações usadas à época, entre elas “aberração” (*freak*), “monstro” (*monster*), “selvagem” (*savage*), “elo perdido” (*missing link*) etc. É preciso que fique claro que não estou classificando as pessoas, apenas mostrando como foram apresentadas ao público e citadas em estudos de cientistas de então. No entanto, nem sempre essas denominações aparecerão entre aspas no livro.
- 3 LAVATER, Johann Kaspar. “Essays on Physiognomy Designed to Promote the Knowledge and Love of Mankind”, vol. 1, 1789-1798. In: MAXWELL, Anne. *Picture Imperfect. Photography and Eugenics, 1870-1940*. Brighton/Portland, Sussex Academic Press, 2008, p. 52. As traduções dos textos estrangeiros para o português foram feitas por mim.
- 4 “Poligenismo”, palavra de origem grega: *polys* significa “muitos”, e *genos* significa “origem”. Poligenismo é a teoria segundo a qual os diversos grupos humanos seriam descendentes de espécies distintas.
- 5 “Frenologia”, termo que vem do grego *fren*, que significa “mente”, e *logia*, que significa “estudo” ou “lógica”. A frenologia é a pseudociência, desenvolvida por volta de 1800, que julga a capacidade mental – moral e intelectual – de um indivíduo de acordo com o tamanho das partes de seu cérebro; teve como um dos fundadores o médico e anatomista alemão Franz Josef Gall (1758-1828).
- 6 “Cranimetria”, palavra de origem grega, significa “medida do crânio”. Como ciência, foi usada para a medição detalhada de tamanho, volume e características de crânios. Serviu, assim, de instrumento para dividir e classificar, discriminar e incriminar pessoas, pois as medições eram usadas para classificar a humanidade em raças, níveis de inteligência, propensão a personalidade criminosa etc.
- 7 Blumenbach sugeriu a existência de cinco raças humanas distintas: branca ou caucasiana, amarela ou mongol, etíope ou negra, americana ou vermelha e malaia ou marrom. BLUMENBACH, Johann Friedrich. “On the Natural Variety of Mankind” [1775]. In: BENDISHE, Thomas (trad. e ed.). *The Anthropological Treatises of Johann Friedrich Blumenbach*, London, Longman, Roberts & Green, 1865, pp. 63-144.
- 8 Os estudos poligenistas e racistas de Samuel Morton foram publicados entre 1839 e 1849, em três volumes: *Crania Americana, An Inquiry into the Distinctive Characteristics of the Aboriginal Race of America* e *Crania Aegyptiaca*. Para uma análise breve e adequada dos trabalhos de Morton, ver GOULD, Stephen Jay. *The Mismeasure of Man*. New York/London, W. W. Norton, 1993 [1981], pp. 50-69.

- 9 BETHENCOURT, Francisco. *Racismos. Das cruzadas ao século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2013, p. 388.
- 10 NOTT, Josiah C. "Statistics of Southern Slave Population". *Commercial Review of South and West*, 4, 1847, apud DEWBURY, Adam. "The American School and Scientific Racism in Early American Anthropology". In: DARNELL, Regna & GLEACH, Frederic W. (eds.) *Histories of Anthropology Annual*, 3. Lincoln/London, The University of Nebraska Press, 2007, p. 141.
- 11 Sobre Louis Agassiz, ver LURIE, Eduard. *Louis Agassiz. A Life in Science*. Chicago/Toronto, The University of Chicago Press/The University of Toronto Press, 1960, pp. 257-65.
- 12 No daguerreótipo, a imagem era formada sobre uma fina camada de prata polida, aplicada a uma placa de cobre e sensibilizada em vapor de iodo, sendo apresentada em estojos decorados (estojos de madeira ou em baquelite, uma espécie de resina), com *passep-partout* de metal dourado em torno da imagem e com a face interna forrada, geralmente, com veludo. O estojo fechado media cerca de 7,5 centímetros de largura por 9 centímetros de altura; e a foto do modelo, aproximadamente 5,5 centímetros por 6 centímetros.
- 13 Foram registradas imagens de corpo inteiro, ou apenas de torsos, despidos ou semidespidos, dos escravizados Alfred, Jem, Jack, Drana (filha de Jack), Fassena, Renty e Delia (filha de Renty). A série de quinze daguerreótipos feita por Joseph T. Zealy para Louis Agassiz foi encontrada em 1976 durante uma limpeza no sótão do Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, na Universidade Harvard, em Cambridge, Estados Unidos. Essas imagens são documentos raros, pois a escravidão foi abolida em 1865 no país, tendo sido tiradas e conservadas poucas fotos de cativos negros por lá, sobretudo na técnica do daguerreótipo – ao contrário do que aconteceu no Brasil, que pôde até 1888 retratar a população cativa. Sobre as imagens feitas por Zealy para Agassiz, ver BANTA, Melissa. *A Curious & Ingenious Art: Reflections on Daguerreotypes at Harvard*. Iowa, University of Iowa Press, 2000.
- 14 Maria Helena Machado escreveu um artigo em que analisa a imagem de Renty; a autora fala do olhar impressionante do congolês, das veias altas de seu corpo, de seus braços e seu torso nus, que denotam "constante esforço muscular, imprimindo à figura certa qualidade atlética vigorosa", e da severidade silenciosa da fotografia. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. "(Re)construindo a imagem de Renty: Dos daguerreótipos de Agassiz à campanha de mounting Agassiz". *Revista USP*, n. 94, jun.-jul.-ago. 2012, p. 144.
- 15 Molly Rogers escreveu um livro sobre esses daguerreótipos. Na parte sobre Delia, ela imaginou como teria sido a sessão de fotos, com o cientista, o fotógrafo e o dono dos seres escravizados presentes, mas procurou suavizar o momento: Rogers acredita que Delia teria ela mesma abaixado seu vestido, após ouvir um "por favor" do fotógrafo – isso apesar de a autora ter notado os olhos da moça marejados de lágrimas não escorridas. ROGERS, Molly. *Delia's Tears. Race, Science, and Photography in Nineteenth-Century America*. New Haven/London, Yale University Press, 2010, pp. 3-4.
- 16 As fotos de Delia não eram eróticas, mas tornavam a imagem do corpo da moça acessível às pessoas que vissem os retratos. "Por si só, o desvelamento do corpo já implica uma dominação e, nesse caso, de um fotógrafo branco, de um senhor branco, de um cientista branco, sobre uma mulher negra e escravizada. Naquele tipo de retrato fica evidente que o grau de nudez está diretamente relacionado ao grau de subordinação social da modelo." Para mais sobre o assunto, ver KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Negros no estúdio do fotógrafo, Brasil, segunda metade do século XIX*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010, pp. 131-4.
- 17 Sobre a Expedição Thayer, ver FREITAS, Marcus Vinícius de, Hartt. *Expedições pelo Brasil Imperial, 1865-1878*. São Paulo, Metalivros, 2001.
- 18 Na cidade do Rio de Janeiro, Agassiz encomendou a Augusto Stahl fotos de negros, as quais pretendia usar em estudos comparativos. Alguns autores defendem a ideia de que Agassiz viu as fotos de Stahl e simplesmente as teria comprado, não encomendado. Como pesquisadora da área, acredito na tese da encomenda, sobretudo pela beleza crua dessa série e porque Agassiz veio para o Brasil a fim de adquirir também esse tipo de material. Se tivesse comprado avulsamente, talvez tivesse variado os profissionais, pois estavam todos fazendo registros de negros do país à época. Uma segunda hipótese é a de que, sim, talvez Agassiz tenha visto e adquirido algumas das fotos avulsamente, já que Stahl, como outros profissionais faziam, deixava vários de seus trabalhos consignados na Casa Leuzinger – de propriedade do fotógrafo sulgo George Leuzinger –, que comercializava todo o material ligado à fotografia na cidade do Rio de Janeiro e ainda funcionava como ponto de divulgação daquela mídia, organizando mostras e oferecendo cursos. Pode ser que, dessa forma, tenha surgido acordo posterior entre o cientista e o fotógrafo. Consta ainda que Walter Hunnewell, estudante de Harvard e assistente de Louis Agassiz, recebeu treinamento naquele estabelecimento para que pudesse fazer os registros das "raças mistas" encontradas pela Expedição Thayer na Amazônia. Tanto as fotos tiradas por Stahl no Rio de Janeiro quanto as tiradas por Hunnewell na Amazônia encontram-se organizadas em álbuns no acervo do Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, na Universidade Harvard, em Cambridge, Estados Unidos. Sobre Stahl, ver LAGO, Bia Corrêa do. *Augusto Stahl*. Rio de Janeiro, Capivara, 2001.
- 19 KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Negros no estúdio do fotógrafo*, op. cit., p. 133.
- 20 Sobre a participação dos modelos negros, junto aos fotógrafos, na construção de registros que poderiam ter sido usados também como retratos pessoais, entre outros, ver WILLIS, Deborah & WILLIAMS, Carla. *The Black Female Body. A Photographic History*. Philadelphia, Temple University Press, 2002. E ALINDER, Jasmine. "Picturing Themselves: An Interdisciplinary Examination of Nineteenth-Century Photographs of Brazilian Slaves". Dissertação de mestrado, Departamento de História da Arte, The University of New Mexico. Albuquerque, Novo México, 1994. Acho importante complementar com a informação de que as duas autoras citadas estudaram e classificaram aqueles tipos de retratos em mais três níveis: como suvenir, como documento etnográfico e como documento histórico.
- 21 Gould fala desse período ainda antes da publicação da teoria de Darwin, quando os cientistas e suas ideias se dividiam entre a crença criacionista e o poligenismo – este último, apresentado por cientistas que sustentavam argumentos mais "duros" (*harder*) e que haviam "abandonado a escritura [a ideia da criação de todas as pessoas por Adão e Eva] como sendo alegórica e afirmavam que as raças humanas eram espécies biológicas separadas, descendentes de diferentes Adões". GOULD, Stephen Jay. *The Mismeasure of Man*, op. cit., p. 39.
- 22 Charles Robert Darwin. *On the Origin of Species. By Means of Natural Selection, or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*. London, John Murray, 1859. É bom registrar que o naturalista, biólogo e geógrafo britânico Alfred Russel Wallace (1823-1913) pesquisava e desenvolvia, ao mesmo tempo que Darwin, uma teoria de seleção natural praticamente igual; Charles Darwin, porém, foi mais rápido e levou os louros pela descoberta.
- 23 "Monogenismo", palavra de origem grega: *monos* significa "único", e *genos* significa "origem". Monogenismo é a teoria segundo a qual toda a humanidade constitui uma única espécie e provém de um tipo primitivo único. Segundo o monogenismo apresentado por Charles Darwin, as diversas "raças" teriam evoluído de formas diferentes umas das outras de acordo com circunstâncias ambientais e material genético.
- 24 A ideia de cientistas do calibre de Louis Agassiz e de teóricos que defendiam que a humanidade se dividia em raças, e a suposta "superioridade" da branca, era colhida dados que dessem suporte visual e ajudassem a comprovar suas teorias, as quais confrontariam o evolucionismo monogenista defendido por Charles Darwin. Após a abolição da escravidão nos Estados Unidos, em 1865, as ideias poligenistas deixaram de ser bem-aceitas; Agassiz teve, então, que arquivar suas concepções, suas comparações e as fotos feitas na Carolina do Sul, assim como as levadas por ele do Brasil. Para saber mais sobre Louis Agassiz e as fotos que encomendou para seus estudos, ver LURIE, Eduard. *Louis Agassiz...*, op. cit., pp. 257-65.
- 25 Para mais sobre o assunto, entre outros, ver WILLIS, Deborah & WILLIAMS, Carla. *The Black Female Body...*, op. cit., Introdução.

- 26 DOMENICI, Viviano. *Uomini nelle gabbie. Dagli zoo umani delle Expo al razzismo della vacanza etnica. Em e-book*. Milano, Saggiatore, 2015, cap. 1.
- 27 BAKER, Lee D. *From Savage to Negro. Anthropology and the Construction of Race, 1880-1954*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1998, p. 13.
- 28 GOULD, Stephen Jay. *The Mismeasure of Man*, op. cit., p. 74.
- 29 “Antropometria”, termo que vem do grego e significa “medida do homem”. A antropometria é a ciência que, com o auxílio de aparelhos precisos de mensuração, toma medidas de partes variadas do corpo humano, com o intuito de usá-las em trabalhos de classificação, racialização e discriminação, tendo servido de suporte para o desenvolvimento da antropologia física, na segunda metade do século XIX.
- 30 “Teratologia”: *terato* significa “monstro” em grego, e “teratologia” é o “estudo dos monstros”; ou seja, é a especialidade médica que se dedica ao estudo, à classificação e à manipulação das anomalias e das malformações ocorridas durante o desenvolvimento embrionário ou fetal.
- 31 ARTEAGA, Juanma Sánchez & EL-HANI, Charbel Niño. “Physical Anthropology and the Description of the ‘Savage’ in the Brazilian Anthropological Exhibition of 1882”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17 (2), abr.-jun. 2010, pp. 400-1.
- 32 Anões e *midgets* possuem características muito parecidas e, em geral, por fotos, nem sempre é possível classificá-los corretamente. O nanismo é uma doença genética que provoca um crescimento esquelético visto como “anormal”; sendo assim, anões são pessoas de estatura baixa que têm características ósseas específicas, podendo apresentar a testa desenvolvida, os membros encurtados e, por vezes, arcados, e o tronco alongado.
- 33 Ver NARAYANAN, Srik. *The Human Zoo. Science’s Dirty Secret*. Documentário. Reino Unido, Diverse Productions, 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JJU3Bob8IFA>>. Acesso em 30/7/2016.
- 34 Até onde sei, a expressão “zoológicos humanos” foi cunhada por historiadores e antropólogos franceses, tendo surgido impressa em 2002, na seguinte publicação: BLANCHARD, Pascal et al. *Zoos humains. De la Vénus hottentote aux reality shows*. Paris, La Découverte, 2002.

Capítulo 1

- 1 LINDFORS, Bernth. “Ethnological Show Business”. In: THOMSON, Rosemarie Garland (org.). *Freakery. Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*. New York/London, New York University Press, 1996, p. 207.
- 2 Sobre o assunto, ver BOETSCH, Gilles. “From Cabinets of Curiosities to the Passion for the ‘Savage’”. In: BLANCHARD, Pascal; BOETSCH, Gilles & SNOEP, Nanette Jacomijn (eds. e orgs.). *Human Zoos. The Invention of the Savage*. Paris, Musée du Quai Branly/Actes Sud, 2011, p. 80.
- 3 A presença de anões e *midgets* estava inserida naquelas sociedades, muito mais que qualquer outro tipo do que era visto como “aberração”, o que é fácil constatar pelas numerosas pinturas de anões retratados nas mais variadas cortes ao longo dos séculos. Muitos passaram a vida encenando “bobos da corte”, e nobres e cortesãos divertiam-se com suas artes e brincadeiras ensaiadas. Outros serviam de companhia, ou babás, para idosos e crianças. Como nunca cresceriam em altura, aquela podia ser sua eterna sina. Sobre a infantilização dos que eram considerados “aberrações”, ver MERISH, Lori. “Cuteness and Commodity Aesthetics”. In: THOMSON, Rosemarie Garland (org.). *Freakery...*, op. cit., pp. 185-203.